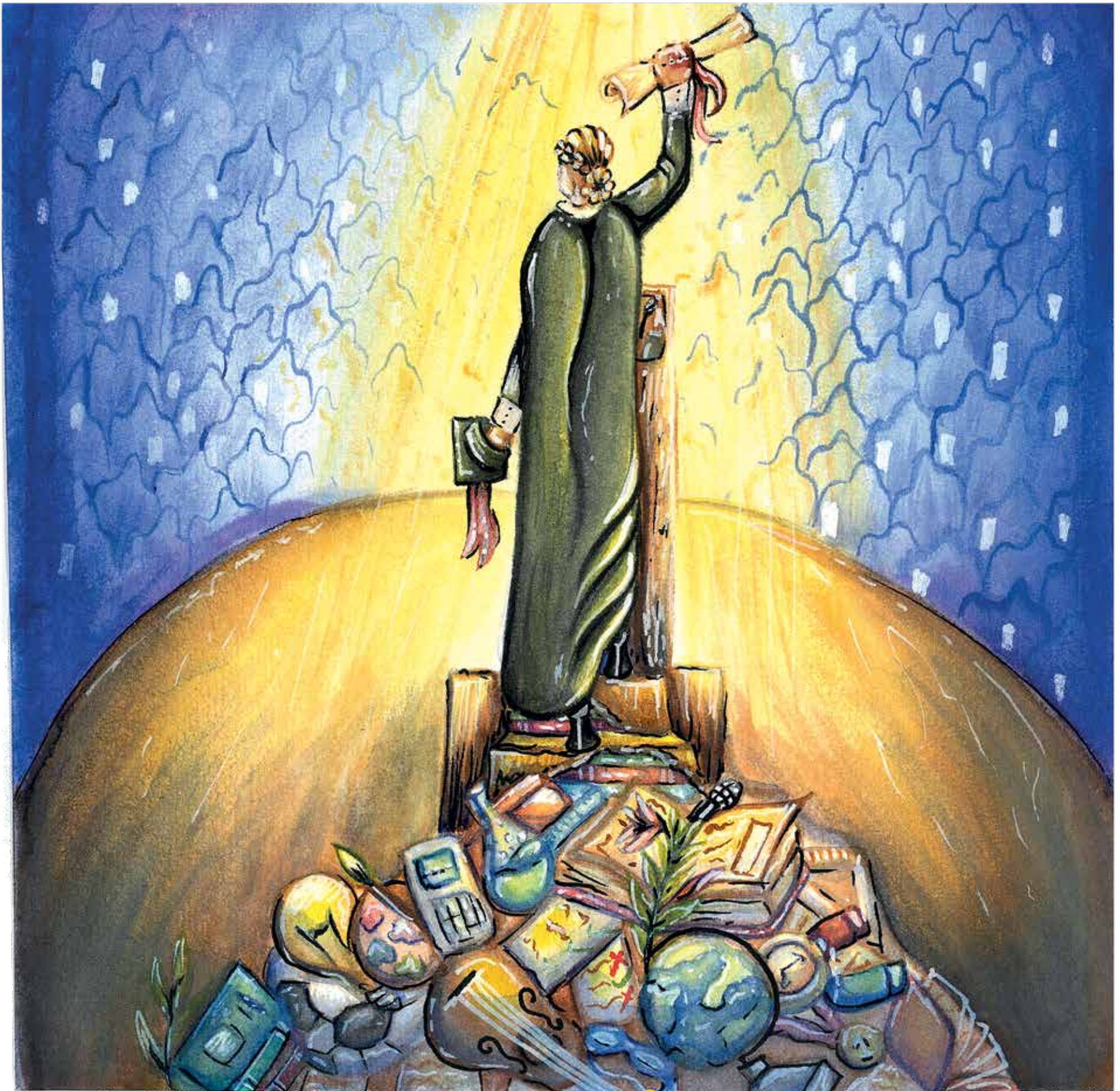


série **XI**

2. A Porta de Saída

4. Da Ponta do Sol para o Mundo

'A Educação tece o Futuro' > Lara Fernandes • EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



PONT@VÍRGULA

editor por 1 dia

É com grande entusiasmo que dou as boas-vindas a mais uma edição do 'Ponto e Vírgula', um espaço de criatividade e reflexão para os jovens da nossa região. Como estudante de Línguas e Humanidades e correspondente deste suplemento, tenho a honra de partilhar histórias que mostram talento, sensibilidade e coragem.

Nas páginas desta edição, encontrarão narrativas que exploram a empatia, o voluntariado e os desafios da vida, desde as memórias da escola até à ansiedade das escolhas futuras. Poemas, crónicas e ilustrações revelam experiências pessoais que nos lembram que nenhuma experiência é verdadeiramente individual. Referências literárias como 'Os Lusíadas', a 'Mensagem' e o 'Sermão de Santo António aos Peixes' inspiram-nos a refletir sobre a

sociedade e a nossa responsabilidade individual, mostrando que a empatia e a ação consciente continuam a ser essenciais no nosso quotidiano.

Cada trabalho apresentado é mais do que palavras: é expressão, participação e afirmação de que os jovens estão **ATENTOS E PRONTOS PARA INTERVIR.**

Convido-o a ler, sentir e refletir sobre estas histórias e a perceber que cada gesto, por menor que seja, pode fazer a diferença.

Bem-vindo à comunidade do 'Ponto e Vírgula', onde cada página é um ponto de partida: quem lê, pensa e quem pensa, age. ■



**LAURA
PITA**

> EBS da Ponta do Sol

AS PALAVRAS TÊM UMA GRANDE IMPORTÂNCIA NA VIDA DAS PESSOAS: ATRAVÉS DELAS, CONSEGUIMOS COMUNICAR, EXPRESSAR O QUE SENTIMOS E O QUE PENSAMOS.

Desde que somos crianças, ouvimos palavras que nos ajudam a crescer, a aprender e a perceber o mundo à nossa volta.

Todas as palavras têm um poder muito grande, pois uma palavra dita com carinho pode alegrar o dia de alguém, mas uma palavra má pode magoar e deixar uma pessoa triste, por isso, devemos pensar muito bem antes de falar, porque o que dizemos pode ter consequências.

Muitas vezes, não damos valor às palavras, porém elas podem mudar tudo. As palavras também nos ajudam a criar ligações com os outros. Assim, quando falamos com respeito e bondade, conseguimos entender-nos melhor e evitar conflitos. É através das palavras que construímos amizades, resolvemos problemas e mostramos o que sentimos. Na escola, na família ou entre amigos, é importante sabermos usar as palavras de forma positiva.

Concluindo, as palavras são importantes na construção do ser humano. No fundo, as palavras têm o poder de construir e de destruir, e cabe a cada um de nós escolher como quer usá-las...

DA PRÓXIMA VEZ QUE FALARES, PROVAVELMENTE, NÃO FALARÁS DA MESMA FORMA. ■

Luana Nunes
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

A Porta de Saída.

Durante anos, olhamos para o portão da escola como quem olha para uma promessa. «Quando sair daqui, é que vai ser!», repetindo isto como um mantra em dias de teste surpresa ou de trabalhos acumulados. A saída parece liberdade, autonomia, futuro. Parece tudo aquilo que ainda não somos, mas queremos muito ser. Depois, o tempo passa.

O último ano chega sem pedir licença. De repente, já não reclamamos tanto do toque de entrada. Já não achamos as paredes assim tão apertadas. Começamos a perceber que sair não é apenas atravessar um portão, é deixar para trás uma versão de nós. É difícil sair porque aqui crescemos sem dar conta. Foi nestes corredores que aprendemos quem somos quando tiram as rodas de apoio. Foi aqui que percebemos quem fica quando tudo acaba por correr mal. As amizades que começaram por acaso tornaram-se rotina, e a rotina transformou-se em casa. E ninguém nos ensina como se diz adeus a um lugar que nos viu falhar, rir, chorar e tentar outra vez. Sair pode ser assustador. Lá fora já não há horários que nos organizem o dia nem professores que nos lembrem dos prazos. Lá fora, as decisões pesam mais. Já não basta estudar para um teste; é preciso escolher caminhos. **E escolher implica arriscar.** Implica aceitar que não existe resposta certa no final da página. Talvez seja por isso que, quando o momento chega, o portão já não parece só liberdade. Parece também responsabilidade. Parece despedida.

Mas talvez crescer seja exatamente isto: sentir medo e, mesmo assim, avançar. Levar connosco as histórias dos intervalos, as gargalhadas na última fila, as conversas à porta da escola. Sair não significa apagar o que fomos. Significa reconhecer que a escola não era apenas um lugar, era uma fase. E que, se foi difícil sair, é porque valeu mesmo a pena ficar. ■

Francisca Sousa
EBS de Santa Cruz



Ambição:

origem de conquistas humanas ou causa de problemas?

Por natureza, o ser humano sempre foi e, muito provavelmente, sempre será insatisfeito com aquilo que tem. Como um amigo que abraça outro com uma faca na mão, a ambição é o bem e o mal que domina a nossa espécie.

Na minha escola, o telemóvel foi promovido a substância ilegal. Até há pouco tempo, era apenas um objeto. Agora é uma ameaça pedagógica, uma espécie de criatura que, se libertada dentro de quatro paredes, destrói neurónios, concentração e, possivelmente, o futuro da nação.

Há ainda um detalhe curioso, é que o Wi-Fi da escola (por mais escasso que seja) não é exatamente para a utilização pessoal dos alunos. O que transforma esta medida numa experiência quase filosófica: podemos usar o telemóvel, desde que não sirva para grande coisa. Convém dizer que a intenção é compreensível. Os telemóveis distraem, interrompem e comprometem a atenção (às vezes com bastante sucesso). A escola tenta resolver um problema real, o método é que parece confiar demasiado no poder das paredes. Educar para o uso dá trabalho. Proibir depende apenas de uma porta.

A lógica parece bastante simples: se algo é difícil de gerir, restringe-se. Não se ensina a usar, limita-se. É uma estratégia antiga, usada com resultados variáveis e esperança constante.

Curiosamente, os telemóveis continuam a existir. Não desapareceram. Continuam nos bolsos, nas mochilas e no nosso quotidiano. Porque o problema nunca foi o objeto, mas a relação com ele, e afastar não é o mesmo que resolver. Mas educar dá mais trabalho do que escrever um regulamento. E trabalho, como sabemos, é algo que em Portugal se prefere discutir. ■

Denise Pinto
EBS/PE da Calheta



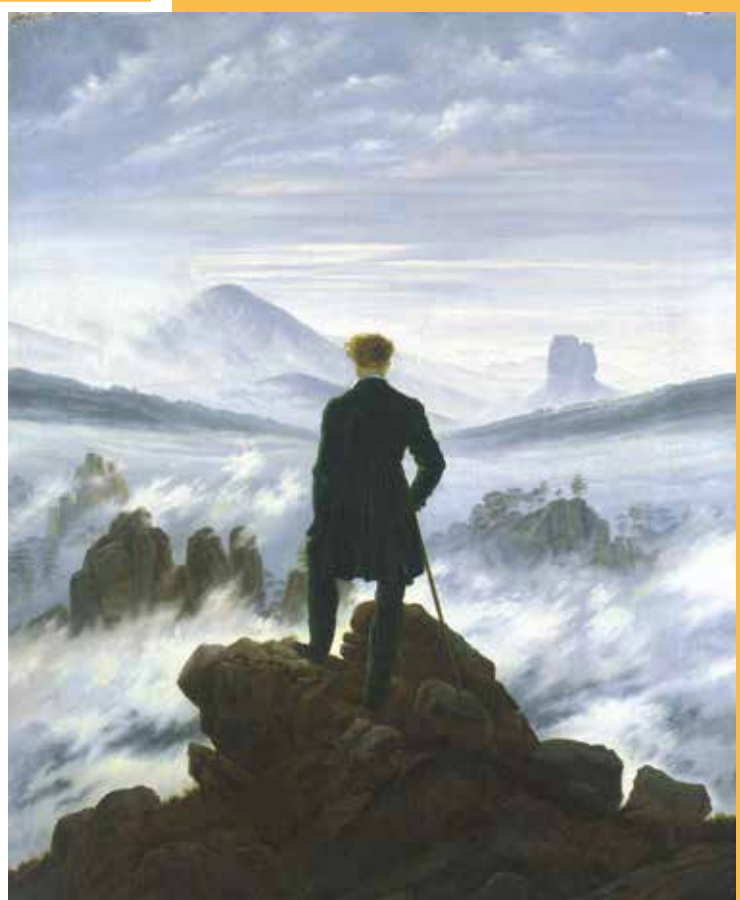
ambição foi o vento que “soprou” as nossas naus até à Índia e ao Brasil, mas também cimentou o caminho da Alemanha nazista a cometer a maior carnificina que o mundo já fitou. Considero a ambição uma espada de dois gumes, que o cavaleiro tem de dominar para não acabar por ela cortado. É com essa mesma espada que desbravamos novos caminhos na ciência, como na investigação da cura para o cancro, ou até mesmo a nível espiritual, procurando a melhoria do nosso ser individual diariamente.

Por outro lado, essa ambição conduz-nos à utopia e ao delírio pela posse de um “tudo”, quer seja dinheiro, território, fama ou até mesmo controlo sobre o outro para satisfazer essa nossa gula. Milhares de crianças morrem à fome alimentadas pela gula dos líderes autoritários que, cegados por essa ambição, matam ainda mais civis inocentes só para expandir as suas fronteiras para o território vizinho.

EM SUMA, A AMBIÇÃO É CERTAMENTE O COMBUSTÍVEL QUE PERMITE À GRANDE MÁQUINA, A HUMANIDADE, FUNCIONAR E ANDAR PARA A FRENTE. NÃO NOS ESQUEÇAMOS, PORÉM, DE QUE TAMBÉM É COM ELA QUE, POR MUITAS VEZES, MATAMOS SEM ARREPENDIMENTO SÓ PARA OBTER VANTAGENS POR VEZES MÍNIMAS. ■

João Pedro Vieira
ES de Francisco Franco
(Funchal)

Pintura Caminhante sobre o mar de névoa, de Caspar David Friedrich (1818)





Da Ponta do Sol para o Mundo



É estudante da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol e jogadora de Badminton, Maribel Correia Sousa! Pentacampeã nacional e inúmeras vezes campeã regional, já alcançou feitos enormes ao longo da carreira, como um quinto lugar nos Jogos Olímpicos da Juventude em 2025, na Macedónia do Norte. Obteve um feito histórico, sendo a primeira mulher a alcançar duas finais no campeonato internacional de Portugal em 2024. Vem conhecer mais acerca desta promessa madeirense e a sua vida!

▶ **João Santiago (JS) - O que te motivou para começar no badminton?**

Maribel Sousa (MS) - Sempre fui muito ligada ao desporto e, desde pequenina, que gosto de praticar. Eu e a minha mãe queríamos fazer algo nos tempos livres... acabei por espreitar alguns desportos e o badminton despertou-me curiosidade. Comecei ainda criança e ainda cá ando.

▶ **(JS) - Como tem sido a tua carreira até ao dia de hoje?**

(MS) - Tem sido muito gratificante crescer dentro e fora de campo, alcançar os meus objetivos, cumprir sonhos e conquistar cada vez mais títulos... ser cinco vezes Campeã Nacional... poder representar o meu país há vários anos pela Seleção, em inúmeros torneios internacionais, conquistar medalhas, taças e, acima de tudo, memórias. Tudo isso, e muitas outras coisas que o desporto me proporcionou, deixa-me de coração cheio. Jogar badminton é, desde sempre, das coisas que mais amo fazer na vida.

▶ **(JS) - Como concilias o desporto com os estudos?**

(MS) - Admito que conciliar a escola com o desporto é uma tarefa exigente e é preciso imensa força de vontade para poder realizar as duas coisas de forma responsável e positiva.

É verdade que perdemos várias aulas, testes e trabalhos, o que dificulta a conciliação dos dois lados. Se calhar, temos de estudar o dobro dos outros, precisamos de mais apoio dos professores... temos a obrigação de rever a matéria dada, mas a verdade é que, se quisermos muito as duas coisas e formos exigentes connosco próprios, tudo é possível. Até ao dia de hoje, sempre consegui, graças a Deus, porque, para além do desporto, a escola é uma das minhas prioridades.

▶ **(JS) - Quais são as tuas expectativas para este ano de 2026?**

(MS) - Estou confiante. É um ano exigente, com vários torneios importantes, aos quais ambiciono ir. Quero aprender coisas novas, treinar muito, conquistar muitos mais títulos e, acima de tudo, ser feliz. Desejo, do fundo do meu coração, que 2026 traga imensas coisas boas!

(JS) - Desejamos os maiores sucessos! ■

▼
João Santiago de Ponte
EBS da Ponta do Sol



A união faz a força

A fraternidade é um valor indispensável para a sociedade contemporânea. Vivemos num mundo acelerado, competitivo e muitas vezes indiferente ao sofrimento alheio, por isso, considero que recuperar o espírito de fraternidade proclamado no artigo 1.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos é fundamental para humanizar as relações e fortalecer a convivência social. Sem essa atitude de respeito e proximidade, arriscamo-nos a criar comunidades fragmentadas e incapazes de enfrentar desafios comuns.

Em primeiro lugar, creio que a fraternidade reduz a exclusão e permite a integração social. Quando as pessoas se preocupam umas com as outras, criam-se oportunidades para que todas possam participar plenamente na vida da comunidade.

Por exemplo, atualmente, temos diversos centros de dia espalhados por vários cantos do mundo organizados por voluntários, criando um pouco de felicidade e convívio entre pessoas mais idosas e ao mesmo tempo combatendo a solidão e a depressão.

Por outro lado, também considero que a fraternidade é capaz de fortalecer a capacidade de resposta coletiva perante crises globais e desastres ambientais.

Atualmente possuímos diversos problemas no mundo devido aos péssimos comportamentos das pessoas e somente nós podemos fazer alguma coisa para tentar dar a volta à situação. Temos vários tipos de poluição sendo um dos

mais preocupantes, no meu ponto de vista, a poluição atmosférica. Ao longo dos anos a temperatura tem aumentando bastante devido, principalmente, à queima de combustíveis fósseis, o que origina várias consequências para o planeta, entre as quais o derretimento das calotas polares, a subida do nível do mar e eventos climáticos extremos. Embora existam diversas campanhas de sensibilização, continuamos a apresentar os mesmos problemas e alguns deles acabam até por se intensificar. Apenas com a união e o bom senso comum da população, é que será possível fazer alguma coisa para enfrentarmos estas situações.

Em conclusão, acho que a fraternidade é um aspeto muito importante nos tempos de hoje e é fundamental para a construção de sociedades mais justas, unidas e verdadeiramente humanas. ■

V
Guilherme Ferreira
EBS de Machico

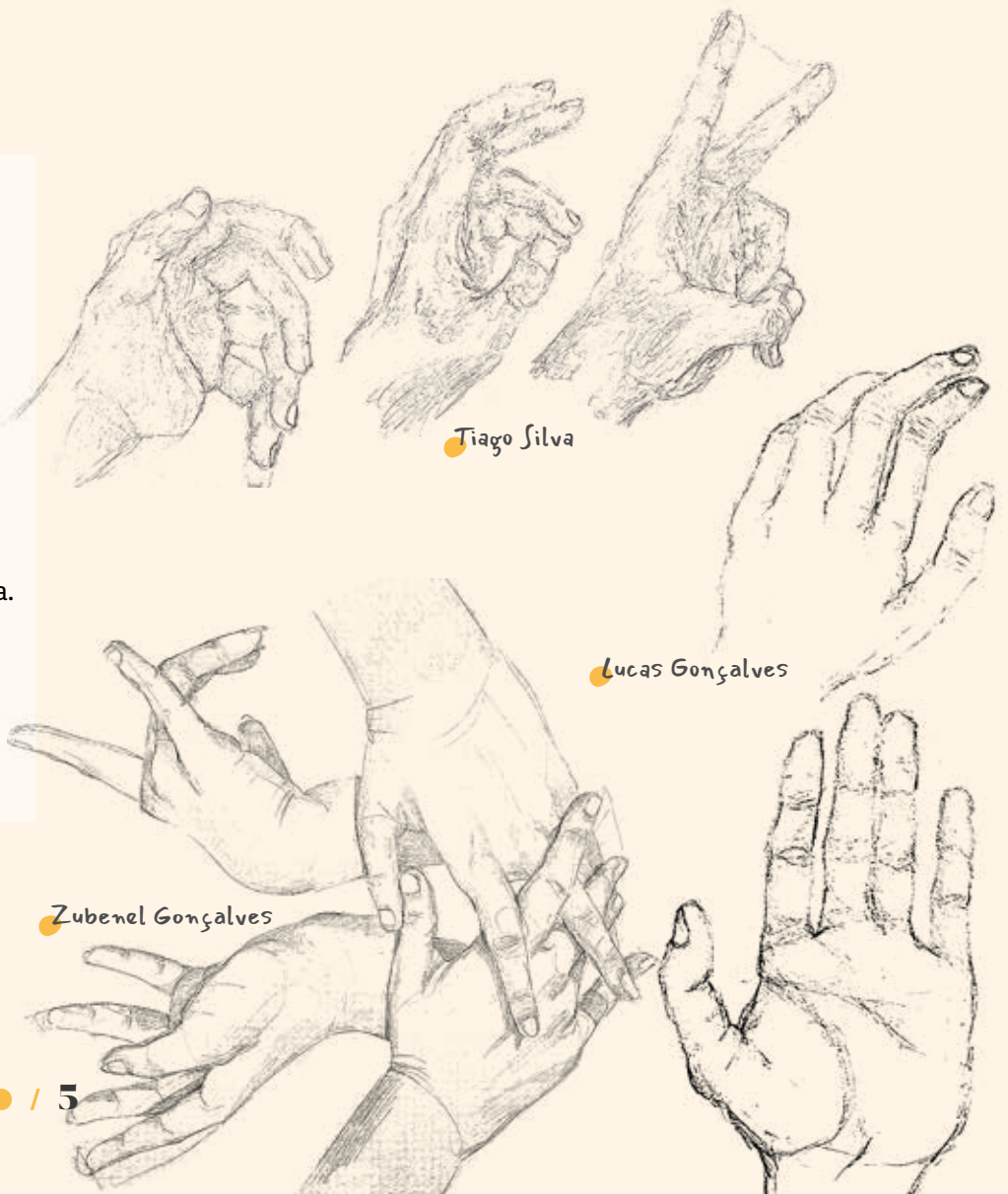


A sensibilidade das mãos

As mãos são das partes mais expressivas do corpo humano, mas também das mais difíceis de desenhar. Para dominar o desenho de mãos tens de fazer muitos estudos, começando pela simplificação anatómica, utilizando estruturas básicas. É importante perceber como funcionam as articulações e desenhar as mãos em diversas posições e movimentos, tendo sempre cuidado com as proporções. Para tal, utiliza as tuas mãos ou a de outros como referência. Não te esqueças, a observação atenta e o estudo continuado são fundamentais para aprimorar a técnica e evoluir no desenho.

EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

Martim Silva



Tiago Silva

Lucas Gonçalves

Zubanel Gonçalves



NO CENTRO DAS ATENÇÕES

O INVESTIMENTO NA SOLIDARIEDADE

No dia 12 de fevereiro de 2026, a turma 12.º 6, do curso CEF Tipo 6 – Técnico Comercial, realizou uma visita de estudo à associação Casa do Voluntário, no âmbito da disciplina de Economia, sob a orientação da professora Natália Barros, com o propósito de os alunos realizarem trabalho voluntário e compreenderem a dinâmica da instituição.

Criaram-se dois grupos de trabalho: um ficou nas instalações do Bairro da Nazaré, responsável pela arrumação e empacotamento de bens alimentares como pão, bolos e rissóis, preparados pelos voluntários, com todo o rigor e personalização, de acordo com as necessidades específicas dos beneficiários; outro foi para as instalações das Cruzes, tendo como tarefas a gestão de *stocks* e os diferentes programas de apoio proporcionados pela associação, ao longo da semana.

Foi-lhes igualmente explicado que a instituição sobrevive graças à colaboração de funcionários (da Segurança Social), de alguns voluntários bem como da generosidade de doações, nomeadamente de grandes superfícies comerciais, que garantem a matéria-prima para as refeições distribuídas. O trabalho desenvolvido pela Casa do Voluntário é fundamental para mitigar as carências da população da Madeira, promovendo o apoio alimentar e a inclusão social. Logo, foi extremamente gratificante para a turma do 12.º 6 esta vivência e o respetivo contacto com realidades sociais distintas na nossa ilha, proporcionando-lhes a oportunidade de dar um contributo ativo no combate às desigualdades, reforçando o seu papel enquanto cidadãos conscientes e solidários. ■

12.º 6 – curso CEF
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

PONTO DE VISTA

A condição feminina

SER MULHER NA ATUALIDADE SIGNIFICA VIVER ENTRE CONQUISTAS E DESAFIOS MUITO DIFERENTES DOS QUE SÃO ENCONTRADOS AO LONGO DA VIDA MASCULINA. ACREDITO, ENTÃO, QUE AINDA É NECESSÁRIO LUTAR PELA IGUALDADE DE GÉNERO, UM DIREITO HUMANO AINDA NÃO ALCANÇADO.

Historicamente, as mulheres ganharam direitos, ao longo do tempo, no entanto, ainda não foi atingida a igualdade plena. A título de exemplo, foram feitas diversas melhorias no que diz respeito à diferença salarial e de acesso a oportunidades. Contudo, continuamos a assistir a pouca representação feminina em cargos de poder e continua a ser normalizado o medo no quotidiano feminino devido à alta percentagem de violência, assédio, discriminação e restrições.

ASSIM, APESAR DE TEREM OCORRIDO AVANÇOS, É NECESSÁRIO PENSAR SOBRE O QUE AINDA PRECISA DE SER MELHORADO. POR OUTRO LADO, É NOTÓRIA UMA SOBRECARGA DA MULHER MODERNA.

É esperado, atualmente, que, para além da vida doméstica, a mulher também persiga independência financeira e que atinja um estado de autonomia completa. Isto revela que, apesar de a mulher trabalhadora ter sido socialmente aceite, ainda há um desequilíbrio de tarefas e expectativas. Afinal, porque é que cuidar de uma casa não é uma atividade designada a todos os que lá vivem e que não apresentam restrições motoras? Porque é que não são ambos os pais responsáveis igualmente pelos filhos?

Concluo, assim, reforçando o meu acreditar na necessidade de reflexão crítica. Apesar de ter ocorrido evolução neste tópico, ainda estão presentes desequilíbrios baseados no género. Estes necessitam de ser alvo de reflexão crítica, pois é assim que serão, finalmente, feitas mudanças definitivas. ■

Francisca Ferreira
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas - Carmo (Câmara de Lobos)

NO CENTRO DAS ATENÇÕES

O Porto Santo desenvolve a paixão pela música

Entre livros e trabalhos de casa, há alunos que carregam também partituras e instrumentos musicais. No Porto Santo, na escola básica e secundária, o ensino articulado com o Conservatório de Música da Madeira permite conciliar a aprendizagem musical com o dia a dia escolar, transformando a escola num lugar onde a arte e a educação podem caminhar lado a lado.

O ensino articulado só foi implementado no presente ano letivo. Atualmente, o projeto é coordenado

pela professora Margarida Galvão, coadjuvada por quatro docentes, cuja dedicação e paixão pela música possibilitam aos alunos o ensino especializado nesta área. No início do 1.º ou 2.º ciclos, os alunos inscritos no Conservatório podem escolher entre duas modalidades: o regime supletivo, frequentado em horário extraescolar; ou o regime articulado, no qual o ensino da música passa a integrar o currículo académico, trazendo vantagens para os alunos como a reorganização da carga horária, com a substituição de disciplinas do ensino regular (como Educação Musical e Educação Tecnológica) por disciplinas específicas da formação musical. «Este projeto apenas significa crescimento. O Conservatório tem

vindo a crescer no Porto Santo e o ensino articulado é mais um passo nesse percurso. Todos os anos damos mais alguns passos», referiu a docente Margarida Galvão.

Para os alunos que têm paixão pela música e o desejo de, no futuro, trabalhar de forma profissional nesta área, esta é a oportunidade ideal. Além do aprofundamento dos seus conhecimentos musicais, pode ser, para muitos, o primeiro passo da sua carreira artística, sem precisarem de se deslocar para fora do Porto Santo em busca desse sonho. ■

Matilde Velez
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)





NOVO BRILHO A PORTUGAL

A obra **Mensagem**, de Fernando Pessoa, aborda mitos ligados à História de Portugal, o Sebastianismo e o Quinto Império. Estes adquirem um inequívoco valor simbólico, representando, principalmente, a crença de que o nosso país ainda tem um destino maior a cumprir.

O Sebastianismo nasce da esperança no regresso de D. Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcácer-Quibir. D. Sebastião assume, em Pessoa, a figura do “Encoberto”, símbolo da união e fé que permitirá a Portugal renascer depois de períodos de fracasso e decadência. Muito para além de Rei histórico, ele é sonho, ambição e inconformismo. É a personificação da loucura: **“Louco, sim, louco porque quis grandeza”**, da coragem de querer mais do que a realidade, da capacitação para sonhar.

Por seu turno, o Quinto Império constitui a concretização da esperança simbolizada pelo Encoberto. Trata-se de um império espiritual que não reflete a

Adriana Azevedo > EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)
Ilustração de Bruna Vieira > ES de Jaime Moniz (Funchal)

AS MALAS QUE NÃO SE VEEM

As malas que não se veem carregam-se todos os dias, silenciosas e pesadas, mesmo quando pensamos que viajamos leves. Não têm rodas nem fechos nem etiquetas de aeroporto, mas existem e moldam-nos, acompanham cada passo que damos. São feitas de hábitos que repetimos por conforto, de medos que escondemos até de nós mesmos, de lembranças que insistem em apertar o peito, e de expectativas que nunca pedimos, mas que nos foram impostas.

Sair da zona de conforto não é um salto dramático nem uma decisão épica. É um gesto pequeno quase

conquista de quaisquer territórios materiais, mas de cultura e de valores que unem a humanidade pelo espírito de fraternidade, de paz e de prosperidade. Portugal estaria predestinado divinamente ao cumprimento de uma missão de superação de momentos de marasmo e crise, a fim de alcançar um renascimento à escala global.

A relação entre os dois mitos é bastante evidente. Se o primeiro simboliza o impulso, o sonho e a energia, o segundo será o atingir do destino da regeneração nacional. Portanto, em *Mensagem*, Pessoa reflete sobre a identidade de Portugal, passada, presente e futura, fazendo a apologia do sonho e da ambição como ponto de partida para restituir um novo brilho civilizacional a Portugal. ■

invisível que começa quando se percebe que estas malas estão demasiado pesadas para a vida que queremos viver. E a primeira parte desse manual de instruções é simples, mas nem por isso fácil. Observa o que carregas, o que te prende, o que repete padrões de ontem sem servir o amanhã. Depois escolhe. Decide o que merece ficar contigo e o que deves deixar ir. Deixar ir não é perder, é criar espaço para respirar, para arriscar, para falhar sem culpa, para se reinventar. Caminhar é o próximo passo, mesmo que trémulo, mesmo que cheio de dúvidas. Porque só caminhando é que se percebe que o desconhecido não é ameaça, mas terreno fértil. O que dói não é tentar ou falhar, mas olhar para si e perceber quanto tempo estiveste

NO CENTRO DAS ATENÇÕES

ALUNOS DA ESCOLA DA APEL BRILHAM NO CONCURSO LITERÁRIO MARIA AURORA

A Escola da APEL tem motivos de sobra para comemorar! Os seus alunos conquistaram posições de destaque no Concurso Literário Maria Aurora, que reconhece e valoriza a criatividade, a imaginação e o talento literário de jovens de diferentes idades.

Este concurso nasceu com o objetivo de estimular a leitura, a escrita e a expressão artística entre crianças e adolescentes, oferecendo um espaço para que jovens escritores possam partilhar as suas histórias e poesias. Mais do que premiações, o concurso procura despertar nos participantes a paixão pela literatura, incentivando-os a explorar as suas ideias, sentimentos e perspetivas de mundo por meio da palavra escrita. Na categoria conto, os alunos **Mateus Gouveia** e **Inês de Nóbrega** alcançaram o 1.º e o 2.º lugar, demonstrando narrativa envolvente, criatividade e habilidade de prender a atenção do leitor. As suas histórias surpreenderam os jurados pela originalidade e profundidade, mostrando que a escola está formando talentos promissores na literatura. Na categoria poesia, as estudantes **Ana Catarina Teixeira** e **Anabella Galícia** também se

VÊ AQUI OS PREMIADOS!



destacaram, conquistando o 1.º e o 2.º lugar. Os seus poemas emocionaram pela sensibilidade, imaginação e domínio da linguagem poética, reforçando o compromisso da escola com o incentivo à expressão artística.

A Direção da Escola da APEL felicitou todos os participantes e ressaltou que os resultados do concurso refletem o empenho dos alunos, a dedicação dos professores e o ambiente de incentivo à leitura e à escrita que a escola promove. Mateus Gouveia também destacou, em declarações à comunicação social, a importância do concurso: *«São iniciativas como estas, proporcionadas pela Câmara Municipal do Funchal, que permitem a jovens como eu, que gostam da literatura e da escrita, possam dar asas à imaginação e à criatividade.»* O sucesso da Escola no concurso é motivo de orgulho e inspiração para toda a comunidade escolar. **Mostra que, quando os jovens têm espaço para criar e são incentivados a expressar suas ideias, a literatura torna-se, não apenas uma ferramenta de aprendizagem, mas uma forma de transformação pessoal e coletiva.** ■

V
Mateus Gouveia
Escola da APEL
(Funchal)

PONTO DE VISTA

a arrastar pesos que já não te pertencem ou que nunca te serviram verdadeiramente. Libertar-se exige coragem silenciosa e crítica honesta, questionando os próprios limites, enfrentando os medos escondidos, reconhecendo que conforto não é sinónimo de crescimento.

QUANDO FINALMENTE SE ABREM ESTAS MALAS INVISÍVEIS NÃO HÁ PERDA, HÁ GANHO.

Ganha-se espaço para respirar, para tentar coisas novas, para quebrar padrões antigos, para construir uma versão de nós mais livre. É nesse espaço, despido de pesos desnecessários, que a vida real

finalmente se revela com os riscos e as possibilidades que antes pareciam assustadores, mas que agora são a única forma de descobrir o que realmente importa. No fundo, as malas invisíveis não desaparecem completamente, mas aprendemos a carregá-las de forma consciente, a abrir e a fechar compartimentos, a usar apenas o que nos fortalece. E nesse processo, mesmo que doloroso, descobrimos que crescer não é apenas sair da zona de conforto, é transformar a própria bagagem em algo que nos serve e que não nos aprisiona. ■

V
Jénifer Sousa
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



o INSTA
do Camões

Luis de Camoes 1524 escreveu:

“Se os meus Lusíadas viajassem de carro, a viagem seria inesquecível... mas eu já sei que até um poeta pode perder o rumo.”

Laura Pita
EBS da Ponta do Sol

#EstradaDoDestino
#LusíadasNaViaRápida
#VelocidadeÉPoesia
#oInstaDoCamos
#pontoevirgula



SEGUE-NOS!



@PVnaESCOLA



A NECESSIDADE DE RETOMAR A PREGAÇÃO AOS PEIXES

É inegável a disparidade social em que vivemos, consequência de uma sociedade organizada de forma hierárquica. Grandes e pequenos, ricos e pobres... rótulos que nos acompanham desde tempos imemoráveis, quando o antigo ainda era novo. **A questão que se impõe é: até onde poderá chegar este abuso de poder?**

AO LONGO
DA VIDA,
TODOS JÁ
TESTEMUNHAMOS
FORMAS DIVERSAS
DE INJUSTIÇA,
REFLEXO DIRETO
DO USO INDEVIDO
DA AUTORIDADE
E DA CORRUPÇÃO
PRESENTE
NO QUOTIDIANO.

A história da humanidade está repleta desses exemplos: desde a escravatura e a colonização, característica da época dos Descobrimentos, até à ascensão de líderes mundiais que utilizam medidas económicas, como as taxas alfandegárias, não com fins de equilíbrio financeiro, mas como armas políticas. No fundo, todas estas manifestações de domínio resultam da ganância e da necessidade humana de controlar o outro.

Não é necessário professar a fé cristã para reconhecer que existem ações moralmente condenáveis. Afinal, todos somos pecadores e, paradoxalmente, julgados por outros seres igualmente imperfeitos. Como afirmou Padre António Vieira no 'Sermão de Santo António aos Peixes': «os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns

aos outros.» Nesta alegoria, Vieira critica as figuras de autoridade do seu tempo, os colonos do Maranhão, que exploravam e oprimiam os índios. Diante da indiferença dos homens, o pregador dirige-se aos peixes, metáfora que denuncia a natureza predatória da humanidade. Tal como os peixes se devoram entre si, também os homens exploram e abusam uns dos outros.

Concluo, pois, que existe um padrão recorrente nos abusos de poder ao longo da história e, lamentavelmente, sempre existirá: os ricos prevalecem, os pobres cedem. O que nos resta é, como Vieira, continuar a pregar aos peixes, na esperança de que um dia alguém finalmente escute. ■

Nina Alencastre
ES de Jaime Moniz (Funchal)

fevereiro PRÉMIO MAIS CRIATIVIDADE

O prémio 'Mais Criatividade' do mês de fevereiro foi atribuído a **Iago Fernandes**, aluno da **ES de Francisco Franco**, pelo seu trabalho intitulado **'Eu Sei'**. O texto evidencia a importância de refletir sobre uma temática que continua a exigir atenção na sociedade: a eliminação da violência contra as mulheres, uma questão que ganha ainda maior significado no mês de março, quando se assinala o Dia Internacional da Mulher. Através das suas palavras, o aluno convida o leitor a pensar sobre o silêncio que muitas vezes envolve estas situações e sobre a importância de ouvir, falar e agir. A seleção do trabalho vencedor ficou a cargo do Gabinete da Secretária Regional de Educação e o prémio consistiu num *voucher* no valor de **40 euros**, oferecido pelo **Plaza Madeira**.

PARTICIPA também no 'Ponto e Vírgula' e partilha a tua criatividade, as notícias da tua escola e as tuas ideias. Quem sabe se o próximo texto premiado pode ser o teu! ■





PLAZA
MADIRA

CONCURSO ESCOLAR

GRANDE IDEIA

n.º **5** >> março 2026

Ilustração de João Pedro Martins / EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo) / 'A Dualidade do Ser'



SE ÉS ALUNO
DO SECUNDÁRIO,
PARTICIPA
NA TUA ESCOLA

■ CONTO

AMOR CRUEL

Havia algo mágico naqueles dias em que o sol parecia durar mais. A pequena cidade, com as suas ruas de paralelepípedos e esquinas que todos conheciam, era um mundo inteiro para Afrodite. Ela tinha dezasseis anos e carregava nos olhos aquele brilho confuso de quem ainda não entende o que sente, mas sente intensamente.

Tudo começou no verão, quando ele apareceu. Ares não era bonito no sentido óbvio da palavra. Os seus cabelos eram descuidados, os seus olhos continham tamanha melancolia que ele tentava esconder com sorrisos rápidos e fáceis. Mas havia algo nele que a fazia esquecer-se de respirar, desde a primeira vez em que o viu num concerto a tocar clarinete.

Afrodite sabia pouco sobre ele. Era de outro concelho, primo distante de alguém que ela mal conhecia. Quando se aproximaram pela primeira vez, foi por acaso. Ou talvez não. O vento, cúmplice, atirou uma partitura dele aos pés dela. Ele riu, agradeceu e seus olhos prenderam-na. Nas semanas que se seguiram, Ares tornou-se o centro do universo de Afrodite. Saíam para passear pelos jardins da cidade, dedicava-lhe canções que dizia serem só para ela. E Afrodite, com o coração em tumulto, acreditava. Ele falava de sonhos, de futuras aventuras que viveriam juntos. Afrodite ouvia-o como quem ouve um segredo do mundo.

Era inevitável: ela apaixonou-se. E foi nessa paixão que descobriu uma nova Afrodite — uma que acordava mais cedo só para se maquilhar, uma que escrevia poemas no caderno, mas rasgava com medo de que alguém os lesse. Foi assim que ela experimentou o poder e a fragilidade do primeiro amor.

Mas Ares era uma tempestade. Era intenso e imprevisível, cheio de promessas que deixavam Afrodite à beira de um precipício. Havia dias em que ele a olhava como se ela fosse a única coisa que importava no mundo. E havia dias em que ele simplesmente desaparecia.

«Tu és tão nova», dizia ele, quando tentava explicar a sua ausência. «Eu não quero prender-te a nada.»

Era cruel, ela sabia. Ele dizia que a adorava, mas sempre de uma forma que mantinha a distância. Ela sentia a dor de quem dá tudo a alguém que nunca devolve na mesma medida. Mas como poderia culpá-lo, quando ele sorria e olhava-a daquela maneira triste, como se também fosse vítima de si próprio? O verão terminou com a partida de Ares. Ele encontrou-a na plateia de um dos seus concertos, onde tudo começara. Mas não podia ficar mais ali no mesmo espaço que ela pois a dor que o amor lhe causava era cada vez mais intensa. Disse que precisava de ir, que tinha planos, que ela deveria entender. Ela sorriu, segurando o choro. Não pediu que ele ficasse. Apenas abraçou-o, tentando gravar o momento na sua memória.

Naquela noite, Afrodite chorou até adormecer. No dia seguinte, era como se ele nunca tivesse existido. Mas ela sabia que ele existira nos gestos, nas palavras, na dor que agora fazia parte dela. Ares fora a tempestade que arrancara algo de dentro dela e, mesmo assim, ela não se arrependia.

Anos depois, Afrodite cresceu. Mais forte, mais inteira. E com a certeza de que o amor, mesmo o mais cruel, sempre deixa algo bonito para trás.

■ **Jénifer Sousa**
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

■ REPORTAGEM

DO PORTO MONIZ À DECISÃO
O PERCURSO DE
ANA SOUSA ATÉ
AO JORNALISMO

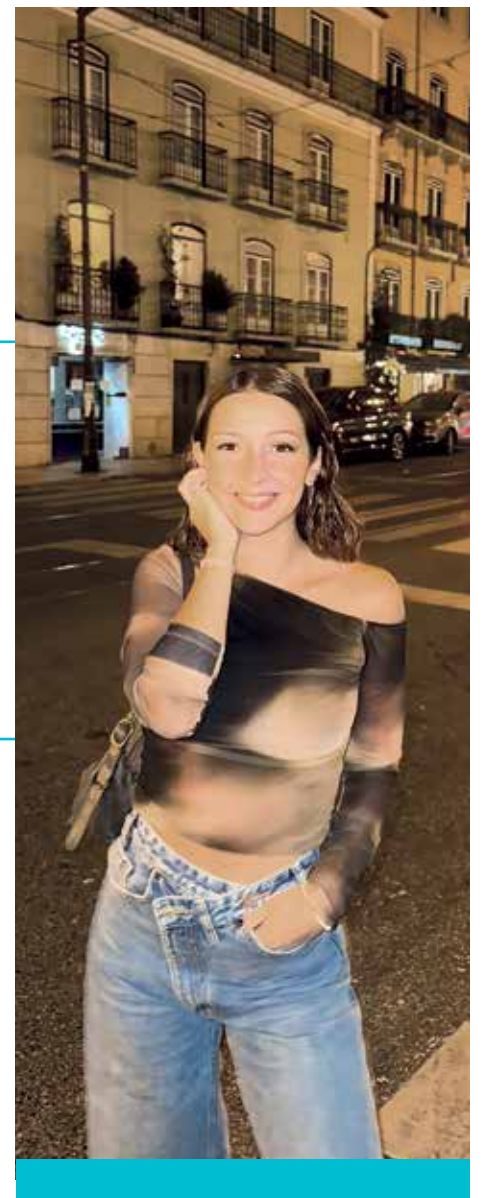
Aos 16 anos, Ana Sousa acreditava que o seu futuro passaria pela Medicina, Nutrição ou Fisioterapia. Mas, por detrás das respostas seguras, havia uma dúvida persistente. «Eu sabia que estava, entre aspas, a enganar-me a mim própria», admite hoje. Sempre gostou mais de humanidades, de histórias e de pessoas, ao ponto de ter sido correspondente do 'Ponto e Vírgula'. Faltava apenas assumi-lo.

Crescer no Porto Moniz não foi um limite, foi o que despertou a sua curiosidade. Sentia-se distante "dos grandes acontecimentos" e queria perceber o que se passava além da tranquilidade da vila. Essa distância transformou-se em vontade de saber mais, de entender como se tomavam decisões e que histórias ficavam por contar.

A decisão definitiva surgiu no 12.º ano. Apesar do percurso em ciências, tinha apenas Português como prova de ingresso. Ainda assim, candidatou-se a jornalismo. «Só tenho a prova de Português, mas é isto que eu quero. Vai ter de dar.» Não houve plano alternativo, apenas convicção.

Na Universidade do Minho, integrou o jornal académico e escreveu um artigo de opinião sobre a abstenção nas eleições da Associação Académica, relacionando-a com o desinteresse político nacional. Foi nesse momento que percebeu que poderia oferecer uma perspetiva diferente. Os elogios que recebeu deram-lhe a confirmação que precisava e a experiência de estagiária no Diário de Notícias da Madeira preparou-a para o futuro.

«O MEDO VAI EXISTIR, MAS NÃO PODE DECIDIR POR NÓS.»



Hoje, é nas reportagens que mais se reconhece. Considera-as o espaço onde pode aprofundar temas, procurar ângulos distintos e fugir à repetição da atualidade imediata. Num contexto de "sobrecarga informativa", acredita que o desafio é diferenciar. Ainda assim, reconhece que a atualidade faz parte do trabalho, mesmo quando a faz "revirar os olhos".

Entre contar a própria história e representar a dos outros, sente maior responsabilidade nesta última. «Eu não posso falhar a contar a história daquela pessoa.» A exigência de rigor e empatia acompanha cada texto.

A quem tem medo de arriscar, deixa um conselho simples: o medo vai existir, mas não pode decidir por nós. Saiu da Madeira aos 17 anos, com receio. Voltou a partir aos 21 para Madrid, com o mesmo frio na barriga.

NO FUNDO, O JORNALISMO COMEÇOU NO MOMENTO EM QUE ANA SOUSA DECIDIU DEIXAR DE ENGANAR-SE.

■ **Inês Inácio**
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

■ REPORTAGEM O PASSADO QUE RESPIRA

A Madeira viveu um processo de urbanização recentemente, maioritariamente após o 25 de Abril. No passado, a ilha era abundante em campos agrícolas que garantiam o sustento das famílias. Gradualmente, os pequenos “palheiros” foram cedendo espaço a zonas residenciais, repletas de blocos de apartamentos, como no Caniço ou em Santa Cruz.

Luís Remesso é testemunho de uma geração de madeirenses que vivenciou esta transição. Nascido na Ribeira Seca, Machico, em 1943, é filho de um antigo trabalhador do cemitério – hoje Parque de Santa Catarina – e de uma viúva, dona de casa. Concluiu os três anos de escolaridade obrigatória e, aos 12 anos, começou a trabalhar a carregar cimento para a construção de um túnel. Mais tarde, teve a sorte de ser selecionado para trabalhar como “moço” numa propriedade próxima da Quinta Magnólia. Como trabalhava no Funchal, tinha de ir de barco quando regressava a casa. Já com algum pé-de-meia, suportou todas as despesas de uma família na festa do Monte. Esta família tinha um negócio de venda ambulante, o que possibilitou a Luís a oportunidade de se tornar comerciante ambulante, conseguindo assim o emprego.

Passou a percorrer, a pé, várias serras da ilha com um cesto de vime com roupa, com cerca de 30 quilos, às costas. Algumas destas travessias chegavam aos 20 quilómetros diários — como o trajeto entre o Ribeiro Frio e Machico. Naturalmente, Luís ficou destinado a casar com a filha dessa família. Porém, após quatro anos de trabalho e o fim desse relacionamento, decidiu estabelecer-se por conta própria. Agora, com 20 anos e solteiro, encontrou o amor na filha mais velha de uma família do Poço do Gil, Maria Perestrelo. Quatro anos mais tarde, casaram-se e adquiriram uma casa onde estabeleceram uma loja fixa, gerida por Maria e pelos quatro filhos: Luís, Maria, Rui e Eulália. Para potenciar o negócio, Luís comprou o 11.º carro do concelho de Machico. Devido à má localização da propriedade, a família construiu e mudou-se para uma casa mais próxima da estrada regional. Esta loja tornou-se a principal loja de vestuário da zona.

Ao reformar-se, Luís transformou o seu passatempo, a agricultura, na sua atividade principal, nos seus três terrenos: o Funga, o Carrasco e a Casa Velha. Hoje, aos 82 anos, ainda é possível encontrá-lo a subir pausadamente as encostas madeirenses rumo aos seus terrenos, com um saco para a colheita do dia, uma podoa, a barreta na cabeça e, por vezes, acompanhado pelo seu filho, sobrinho ou neto.

■ **José Pedro Gaspar**
Escola da APEL (Funchal)



Fotografia de 1967 do casamento de Maria e Luís, mostrando os respetivos pais.



Fotografia da mesma época do jovem casal na primeira casa.

* 1 - Mordendo o azul; 2 - Rasgando o azul; 3 - Um silêncio unificador

■ FOTOGRAFIA SILÊNCIO E RUÍDO ■ *'Mesmo rasgado o silêncio unifica-se na alma de um olhar'*, Marisol Ferreira, EBS Gonçalves Zarco (Funchal)



INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA



A REVOLTA DA MADEIRA

Encontro-me no Funchal, abril de 1931. O ambiente na ilha é sufocante. A fome já não é apenas uma palavra, é algo que se vê no rosto de cada vizinho. O preço da farinha subiu tanto que o pão se tornou um luxo. Estamos descontentes com o governo da ditadura, que decide tudo a partir de Lisboa, virando as costas aos problemas madeirenses. Sente-se o descontentamento em cada canto do arquipélago.

Ainda é de madrugada, quando acordo com barulho na rua. Corri até à janela e vi soldados, armados, a marchar em direção ao Palácio de São Lourenço. Alguns vizinhos saem de casa para ver o que se passa e ouço pessoas a dizer que os militares se revoltaram contra o governo.

Um homem grita que a ditadura acabou na Madeira e a notícia espalha-se rapidamente.

Pouco tempo depois, multidões preenchem a rua, num mar de gente que caminha para o centro. Vejo pessoas a bater palmas, enquanto outros gritam "Liberdade!". Pela primeira vez,

sinto que o povo perdeu o medo. As autoridades do governo foram presas e os militares passaram a controlar os edifícios importantes e as comunicações.

É anunciada a criação de uma Junta Governativa da Madeira, com o objetivo de restaurar a Constituição e governar a ilha de forma mais justa. Na praça, há discursos e a população ouve com atenção. Algumas pessoas choram de alegria, outras abraçam os seus familiares. Eu sinto esperança que a vida pode melhorar! Durante alguns dias, o ambiente é muito calmo, não há combates, mas há muita vigilância.

Chegam notícias de que ocorrem outros movimentos contra a ditadura noutras partes do país, e isso dá-nos mais confiança. Mas, de repente, navios aparecem no mar. Eram tropas enviadas pelo governo central para acabar com a nossa revolta. O entusiasmo desaparece, dando lugar ao medo. As ruas, antes movimentadas, voltaram a ficar vazias e silenciosas. A Junta Governativa foi derrubada e os seus membros são obrigados a sair da ilha ou presos. Onde antes havia gritos de esperança agora existe tristeza e medo.

MESMO ASSIM, SEI QUE ESTOU A VIVER UM MOMENTO IMPORTANTE DA HISTÓRIA DA MADEIRA. VEJO, COM OS MEUS PRÓPRIOS OLHOS, QUE O POVO TEVE CORAGEM DE LUTAR CONTRA AS INJUSTIÇAS. A REVOLTA PODE TER TERMINADO, MAS MOSTROU QUE NÃO ACEITAMOS A SITUAÇÃO ANTES DE LUTAR!

■ **Cláudia Vieira**
EBS/PE/C do Porto Moniz

Bibliografia

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-revolta-da-madeira/> 04/02/2026

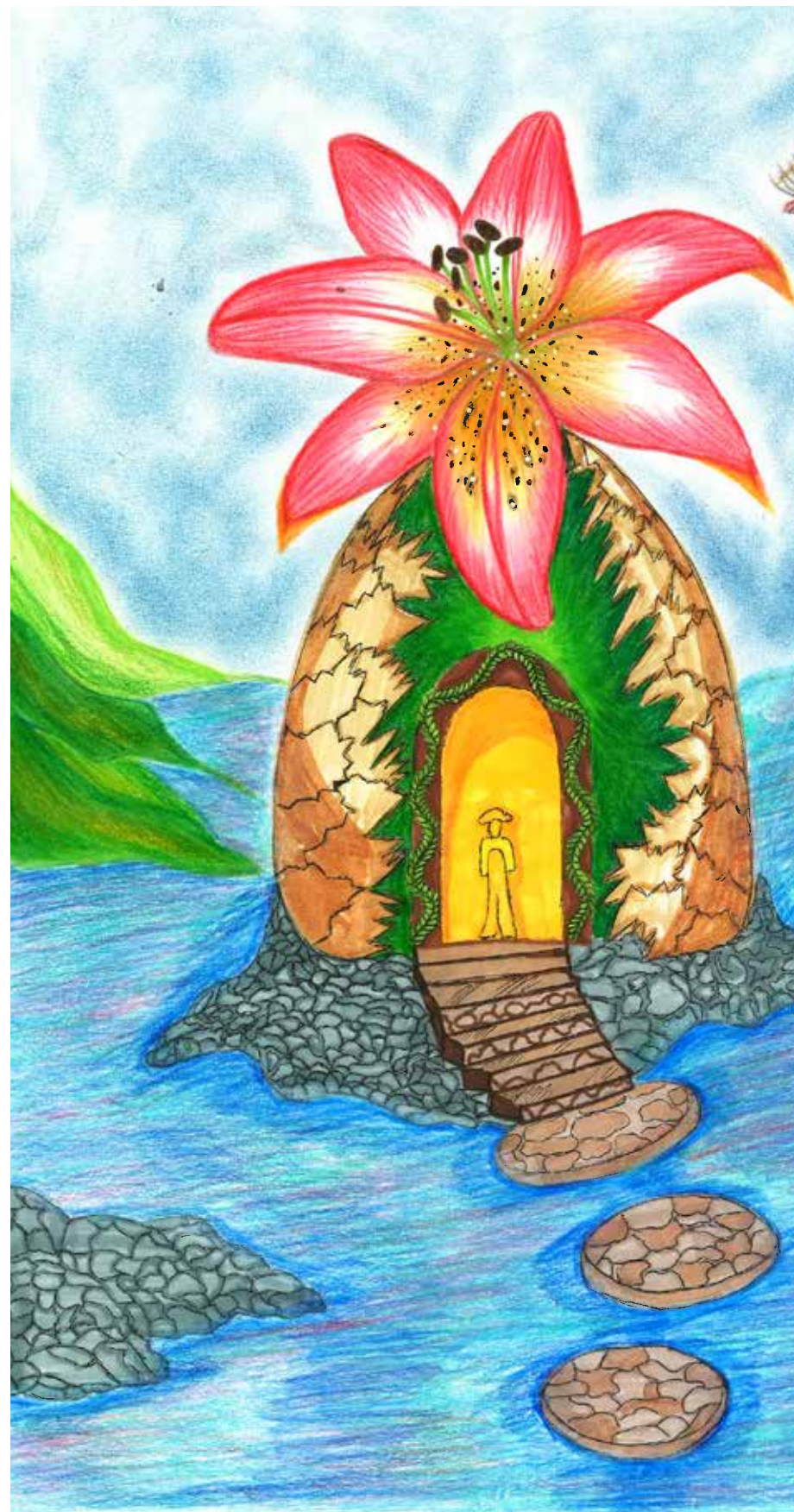
<https://cultura.madeira.gov.pt/olhares-sobre-o-passado/2019-revolta-da-madeira.html> - 18/02/2026

Imagem

<https://www.publico.pt/2022/04/04/politica/noticia/abril-1931-madeira-desafiou-ditadura-militar-salazar-nao-perdoou-2001205>

SURREAL

■ ILUSTRAÇÃO
'Fora da caixa', Filipa Gomes, EEBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas- Carmo (Câmara de Lobos)





■ POESIA

A PRIMEIRA NOITE SEM HORA PARA VOLTAR

A primeira noite sem hora para voltar não começa em qualquer rua.

Caminhamos sem rumo, com risos que se misturam ao vento, e o tempo parece inalterável, como se tudo fosse possível.

Senti o frio da madrugada, e percebi que a liberdade não está só nas ruas abertas, mas na coragem de decidir sozinho.

Rimos alto, tropeçámos em conversas, guardámos pequenos segredos que só a noite conhece.

A primeira noite sem hora para voltar é aquela em que percebemos que crescer não é sobre ter todas as respostas, é sobre escolher o caminho mesmo sem um mapa.

■ **Afonso Serrão**
EBS/PE da Calheta

■ REPORTAGEM

A ESCOLA SAI À RUA EM DESFILE TRADICIONAL

No domingo, 22 de fevereiro de 2026, realizou-se a Festa dos Compadres. Inicialmente prevista para 8 de fevereiro, abrindo as festividades do Carnaval na ilha da Madeira, a festa foi adiada devido à segunda volta das eleições presidenciais, acabando por encerrar esta época tão marcante na nossa cultura.

O

concelho de Santana voltou a acolher, numa verdadeira enchente, os que quiseram estar presentes e dar vida a esta tão esperada festa dos Compadres, mais especificamente ao desfile, constituído pelo Cortejo Etnográfico e pelo Cortejo Folião, que muito bem representam a alma do nosso município.

Aludindo ao Ano Internacional das Pastagens e dos Pastores, que serviu de mote, no Cortejo Folião participaram todas as escolas de Santana, agora fundidas, e até uma escola do concelho vizinho, a do Porto Da Cruz. Já no Cortejo Etnográfico, participaram as Bandas Filarmónicas do concelho, as Casas do Povo e todos os que se quiseram juntar para viver a alegre tradição do Carnaval, anteriormente apelidado de Entrudo. Na prática, entre ceifeiras, pastores, barretes confeccionados com a autêntica lã de ovelha e muita, muita batucada, a alegria ecoou pelas principais ruas desta cidade.



Se é verdade que os cortejos chamam muita gente para os ver, também existem muitos participantes que dão vida e são os genuínos obreiros desta festa. Daniela Fernandes foi uma das envolvidas e deu o seu testemunho:

«Participo nesta festa há muitos anos e a minha história tem tido várias fases. Antigamente, desfilava no cortejo etnográfico, com a Casa do Povo do Arco de São Jorge. Há sete anos, mudei-me para o desfile folião como parte da equipa da escola onde trabalho, o Edifício Escolar de São Jorge. É um momento lindo, em que a alegria das crianças nos contagia por completo. Agora, o melhor de tudo é ter as minhas duas filhas a desfilar comigo; elas adoram e tornam a festa ainda mais especial.»

Este evento de Santana é apoiado pela Câmara Municipal, pois é uma tradição que integra a nossa cultura, fazendo com que os participantes vivam com orgulho as suas tradições e os visitantes e espetadores aproveitem para conhecer hábitos e costumes antigos e, claro, se divirtam, pois é algo único deste concelho do norte da Madeira.

■ **Mariana Bichanga**
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)



■ CONTO

ATÉ AO DIA...

Cresci sempre a ouvir que todos nós tínhamos a nossa "outra metade", e que um dia alguém devia fazer de mim a pessoa mais feliz do mundo. De vez em quando, porém, uma pergunta surgia: e se eu não encontrar essa "outra metade"? Era uma rapariga comum, de cabelos e olhos castanhos e pele clara. Adorava ler e ver filmes, passava tardes inteiras entre páginas de livros ou a devorar os clássicos do cinema que o meu pai tinha em DVD. O enorme poster de 'Orgulho e Preconceito' no meu quarto prometia-me diariamente que haveria de encontrar o meu 'Mr. Darcy'. Mesmo acumulando pequenos grandes desgostos, acreditava em finais felizes.

Costumava frequentar o café Horizonte. Entre os pequenos goles de café, ia criando histórias para cada figura que via. Nunca imaginava alguém sozinho e feliz, pois achava que tal não seria possível.

ATÉ AO DIA...

Nesse dia, ao passear pela cidade, vi uma mulher elegante entrar sozinha no cinema — que eu não frequentava porque tinha vergonha de lá ir desacompanhada. Uma sensação nova floresceu em mim. Coragem! Sem pensar muito, dirigi-me à bilheteira e comprei bilhete para 'O diário da nossa paixão', filme que morria de vontade de ver porque tinha adorado o livro. No dia em questão, saí da sala de cinema, espaço que passei a frequentar todas as semanas, orgulhosa e renovada. Comecei a apreciar a minha própria companhia.

ATÉ AO DIA...

Numa noite, durante 'Casa Blanca', um rapaz sentou-se ao meu lado. Situação inusitada dado a sala estar vazia. No final do filme, trocámos olhares, uns profundos olhos azuis fitaram-me. Trocámos palavras. Algo palpável instalou-se entre nós. Um sentimento novo, talvez. Combinámos encontrarmo-nos no dia seguinte no café Horizonte, e os dias mais felizes da minha vida até então tiveram início: passeios alegres e cúmplices pelo parque, pela biblioteca, partilha de momentos mágicos! Acreditei verdadeiramente que o prometido 'Mr. Darcy' tinha finalmente chegado à minha vida.

ATÉ AO DIA...

«Temos de conversar.» Por alguns segundos, congelei. Ia mudar-se para outro distrito. No dia seguinte! Senti-me humilhada, traída. Gritei, espernee. Não resolveu nada. Prometeu manter contacto. Não cumpriu. Esperei dias, semanas, meses. Nada! Entretanto, todo aquele processo de conseguir saborear a minha própria companhia tinha ido por água abaixo. Doeui muito. O seu nome estava escrito em todos os recantos da cidade. Porém, à medida que o tempo foi passando, as memórias daquilo que achava que seria para sempre se dissipavam no meio de novas conquistas. Formei-me professora de inglês e sentia-me completa. Percebi que não podia responsabilizar outra pessoa pela minha felicidade, que esta dependia apenas de mim.

ATÉ AO DIA...

Na noite de estreia do filme 'La La Land', o átrio do cinema estava a abarrotar, mas não me impediu de reparar numa silhueta estranhamente familiar. Quando a figura se voltou, mergulhei irremediavelmente naqueles intensos olhos azuis e uma pergunta inundou a minha mente: será fragilidade querer amar outra vez?

■ **Ana Catarina Mendes**
EBS da Ponta do Sol

■ ILUSTRAÇÃO SURREAL

BURN OUT



■ **Ana Vitória Teixeira**
ES de Jaime Moniz (Funchal)

RECOMEÇO

O problema de voltar ao mesmo corredor é que as memórias não pedem licença. Elas grudam nas paredes, escorrem pelo chão, esperam por mim junto ao cacifo que já foi o nosso ponto de encontro.

Atlas está lá.

Com aquele olhar que há seis meses eu chamava de casa. Agora chamo-lhe aviso.
— Tate — a voz ecoa pelo corredor como um fio invisível que tenta prender-me pelos pés.

Sigo em frente. Não paro.

O meu nome sai da boca dele com um peso estranho, como se estivesse coberto de culpa. No fundo, aprendi que o amor não se define pela emoção, nem pelo ciúme disfarçado de proteção. Não é alguém escolher por mim o que vestir, com quem falar ou o que sonhar.

— Podemos falar? — ele insiste, aproximando-se.

O corredor parece encolher. O ar pesa como se estivesse carregado de tempestade.

— Não. — Respondo firme. A cura começa com essa palavra.

E então Noah aparece.

Noah aparece. Encosta-se ao meu lado como se fosse coincidência, mas nunca é.

Capitão da equipa de voleibol, mas também alguém que sempre me irritou.

Defendeu Atlas enquanto eu fingia que estava bem. Eu culpava o Noah por não ver o que se passava. Talvez porque era mais fácil odiar alguém de fora do que admitir que eu tinha permitido aquilo.

— A Tate disse não — a voz dele é firme.

Há tensão no ar. Dois planetas prestes a colidir.

— Atlas acha que pode voltar contigo e eu não posso deixar isso acontecer.

— E quem te deu o direito? — pergunto.

— Ninguém. Mas eu não consigo ignorar que ele pode magoar-te de novo.

Uma verdade nua e crua.

— Tu odeias-me Noah.

Ele suspira, mas um suspiro cansado de quem guardou demasiado tempo.

— Eu nunca te odiei. Eu... escondi o que sentia. Foi mais fácil parecer indiferente do que admitir que me importava demais contigo.

O meu coração tropeça dentro.

— Sentir o quê?

Ele olha-me como quem se lança no vazio, sem saber se o chão o vai acolher ou despedaçar.

— Que te amo.

O corredor desaparece.

As vozes desaparecem. O mundo desfoca, como se alguém tivesse diminuído o volume da realidade e aumentado o da minha respiração.

— Isso não pode ser real — murmuro.

— É. — A voz dele é mais suave agora. — E não me interessa que ele seja meu irmão. Só sei que não vou ficar parado enquanto alguém te faz sentir pequena outra vez.

Pequena.

A palavra dói. Mas há conforto no jeito como me olha.

— E se eu não sentir o mesmo? — pergunto, porque o medo ainda vive em mim como um eco.

— Então fico aqui. Ponto final. Mas não vou fingir que não me importo.

O meu peito aperta.

— E se eu sentir?

O sorriso dele nasce devagar, como o primeiro raio de sol depois de um inverno longo demais.

— Então vou mostrar-te todos os dias que és suficiente, que mereces alguém que não tente controlar-te, só amar-te.

Atlas ainda existe nas sombras da minha memória. O medo que ele deixou ainda pulsa em mim como uma cicatriz sensível ao toque.

Mas Noah acende algo diferente.

Não é tempestade. É porto.

O corredor já não é apenas um lugar assombrado pelo passado.

É uma linha de partida.

E desta vez, eu não corro para alguém.

CORRO PARA MIM.

■ Inês Nunes, EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

FOTOGRAFIA SILÊNCIO E RUÍDO



■ 'Intensidades no quotidiano', Martim Pinto, ES de Francisco Franco (Funchal)



INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

UM PASTEL DE BELÉM ANTES DO FUTURO

O avião tocou a pista com um sobressalto breve, quase impaciente. A viagem fora longa e o corpo acusava as horas suspensas entre nuvens, mas era a mente que carregava o peso maior. Alberto João Jardim levantou-se, devagar, ajeitou o casaco e respirou fundo. Lisboa recebia o Presidente do Governo Regional com a gravidade silenciosa própria dos momentos que definem destinos, embora poucos, em terra, o soubessem ainda.

Ao sair do aeroporto, o contraste foi imediato. A capital movia-se num ritmo acelerado. Em pensamento, Jardim regressava à Madeira: o silêncio das levadas a conduzir a água com paciência ancestral, o canto dos pássaros e as curvas estreitas que contavam séculos de resistência. Aqui, a pressa dominava; ali, a vida fluía com outro compasso.

Antes de enfrentar discursos e assinaturas, houve um desvio íntimo, quase proibido para os atos oficiais. Já em Belém, entrou na centenária confeitaria dos Pastéis de Belém. O aroma da massa acabada de sair do forno parecia suspender o tempo. Sentou-se. Pediu um café e um pastel. Cada mordida era uma pausa, um instante de reflexão. Pensava na ilha rodeada pelo mar, nas montanhas ainda por vencer e nas estradas que um dia encurtariam distâncias.

MUITO HAVERIA DE SER FEITO.

Desde 1976, Portugal procurava romper o isolamento internacional que herdara do Estado Novo. O pedido de adesão à Comunidade Económica Europeia fora formalizado em 1977 e exigira anos de negociações, reformas e a primeira revisão da Constituição Democrática, em 1986, garantindo consolidação democrática e abertura a uma economia de mercado. Jardim

sabia que não se assinava apenas um tratado: assinava-se uma promessa de futuro coletivo. Para nós e para Espanha.

Nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, o protocolo tornou-se inevitável. A imprensa nacional e os repórteres estrangeiros ocupavam, expectantes, cada espaço. Os flashes sucediam-se enquanto Mário Soares, então primeiro-ministro, mantinha o olhar firme, consciente de que o país observava. O momento era histórico, uma opção fundamental para um futuro de progresso e modernidade, nas palavras de Soares, e fora transmitido pela RTP ao longo de 14 horas de emissão em direto. A política tornava-se esperança concreta.

A 12 de junho de 1985, o Tratado de Adesão foi assinado. Cada traço da caneta carregava anos de esforço. Ramalho Eanes, Chefe de Estado, sabia-o. A 1 de janeiro de 1986, a bandeira europeia seria hasteada. Portugal entraria oficialmente na Europa, e com ele também a Madeira.

Anos depois, túneis rasgariam montanhas, vias rápidas encurtariam caminhos e novas oportunidades transformariam vidas. Mas tudo começara ali: num voo cansado, num pastel de Belém comido em silêncio e num gesto sério diante da História. Porque, por vezes, são os gestos mais simples que assinam os maiores destinos.

■ **Clarisse Catanho**
EBS de Machico

Fonte:

https://portugal.representation.ec.europa.eu/quem-somos/portugal-na-ue_pt

Imagem

Mário Soares assina o Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia 12 de junho de 1985, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

Fonte: <https://exposicao europeus.parlamento.pt/nucleo.aspx?nucleo=3>

POESIA

NO MEIO DO RUÍDO

Falam comigo, mas não me tocam,
Palavras caem, mas não se chocam
Com o que guardo no peito calado,
Um mundo inteiro por desvendar, fechado.

Caminho entre vozes, passo leve,
Sorriso posto, mas o peso é breve.
Ninguém repara na alma que falta,
Na pele fria, na presença que salta.

Tanta gente, e tudo é distante,
Como se eu fosse sempre passante.
Não há mãos que fiquem, olhos que vejam
As lágrimas mudas que me protejam.

Dizem: «Conta comigo!» E eu digo: «Sim.»
Mas guardo o choro só para mim.
Ser esquecida entre tantos rostos
É como morrer em pequenos desgostos.

Oíço gargalhadas, não são para mim,
Sou eco de um tempo que já não tem fim.
Não peço muito, só um lugar
Onde me vejam sem eu falar.

■ **Francisca Sousa**
EBS de Santa Cruz



Jovem decadente, Ramon Casas, 1899

Fonte: <https://www.wikiart.org/en/ramon-casas/68bc12880c76d4e30657d96ffecbba-1899>